

Considerações sobre o conceito de educação na historiografia medieval

Rodrigo dos Santos Rainha

Mestrando Programa de Pós-graduação em História Comparada – UFRJ

Resumo. O objetivo desta comunicação é discutir os possíveis entendimentos de educação, em especial nos estudos sobre Idade Média. Dessa forma buscamos refletir sobre as perspectivas usualmente adotadas pelos historiadores dedicados ao assunto, que focam seus estudos nas estruturas formais, em especial as escolas, apontando opções e caminhos para o desenvolvimento do tema de forma mais ampla.

Introdução. Esta comunicação pretende indicar algumas formas alternativas de tratar o tema da educação no campo da História, em especial na abordagem sobre a Idade Média. O interesse pelo assunto faz parte da organização de nossa dissertação de mestrado, em que o apoio da sociologia tem tido função impar.

Desenvolvemos esta pesquisa junto ao Programa de Pós-graduação em História Comparada, e vinculado desde a graduação, ao Programa de Estudos Medievais – UFRJ, orientado pela professora Leila Rodrigues da Silva.

Na graduação tivemos como principal enfoque a análise da produção intelectual no reino visigodo na primeira metade século VII, com a utilização de um conjunto de cartas trocadas por Braulio, bispo de Saragoça, neste período.

Ao ingressar no mestrado optamos por uma proposta mais ampla e ao mesmo tempo específica, que estivesse relacionada à produção intelectual, mas que possibilitasse um aprofundamento das discussões então apresentadas. Desta forma, nossa escolha foi pelo estudo da educação na Península Ibérica no mesmo período.

Ao fazer esta escolha tivemos como primeira preocupação definir um conceito de educação, traçando nossa forma de entendimento do termo, assim como traçar aproximações teóricas.

Para cumprir tal empreitada consideramos importante então traçar no panorama da historiografia sobre a Idade Média como este conceito estava sendo abordado. Neste ponto surge então um problema para construção de nossa dissertação: muito pouco é abordado na educação como um conceito. A idéia principalmente demarcada pelos historiadores parte de uma espécie de senso comum do termo, sem adotar pressupostos e nuances complexas da educação e a produção de sistemas educacionais.

O conflito neste momento era sobre o que fazer, uma vez que Influencia dos cientistas sociais impingia-nos a uma discussão do termo, mas em nosso próprio campo tal questão parecia uma questão menor.

Nossa opção foi então de que era necessário diversificar esta abordagem, sem exagero, sem transformar nossa pesquisa em uma defesa de uma outra forma de tratar a educação, mas sim desenvolver uma perspectiva que nos permita de forma mais intensa entender a extensão dos processos educacionais e seu papel junto as relações de poder.

Propomos, assim, a aplicação do conceito nos estudos da Idade Média, mesmo admitindo sua carga contemporânea, não deixando a parte do campo da História os estudos produzidos pelos centros intelectuais sobre o assunto, pois, como teóricos que dedicam suas vidas ao tema, é possível, a nós historiadores, aproveitar a maturidade das reflexões destes autores para uma análise do passado.

A Educação na Historiografia. Para indicar esta possibilidade que estamos ressaltando é necessário primeiro entender como é tratada a educação na historiografia. Analisando especificamente os estudos sobre o tema na Primeira Idade Média, período que nos interessa especialmente, podemos identificar, para fins de apresentação, três correntes de pensamento sobre o assunto: uma tradição francesa, representada por autores como Jaques Le Goff, Jacques Paul, Pierre Riché e Henry Marrou; uma tradição espanhola com Perez de Urbel, Cecilio Diaz y Diaz, Dominguez Del Val e Martin Hernandez; e uma nacional sobre o assunto com diversos trabalhos como os dos professores Rui Costa Nunes, Ricardo Castro e Rui Andrade Filho.

O que estamos colocando esta questão especialmente é o fato de ao analisarmos os estudos da educação na Idade Média, nos defrontamos com uma visão quase que automática de todos os autores ao tratarem do assunto: educação é sinônimo de ambiente escolar oficial, a exceção deve ser ressaltada na escola brasileira, apesar de no entanto não problematizar a educação como um conceito a ser definido.

Para analisar como os franceses abordam a questão, começemos pela leitura do consagrado historiador Jaques Le Goff sobre a formação das Universidades na Idade Média (LE GOFF, J. 1992), para o autor a construção das Universidades atende a uma demanda específica de uma sociedade em transformação, mas sua estrutura se relaciona com as antigas escolas estabelecidas nos mosteiros e sedes episcopais. Ainda que interessante a visão, o autor pouco relaciona este processo a um movimento mais amplo na sociedade, ganhando contornos específicos e voltados para a Igreja e a análise do estabelecimento escolar.

Em uma linha próxima, seguindo o caminho de uma escola francesa sobre o assunto devemos salientas as obras de Jaques Paul (PAUL, J. 2003) , Henry Marrou (MARROU, H. 1973) e Pierre Riché (RICHÉ, P. 1962) . Esses autores, especialistas em educação na Europa ocidental tanto em História antiga como medieval, são bastante críticos em seus trabalhos e apresentam dois eixos norteadores principais: primeiro existe a procura pelo que era ensinado nas escolas, em especial, a origem das matérias escolares, e mudança dos conteúdos. É necessário sinalizar que estes autores divergem entre si em diversos pontos, mas o foco da análise pouco se modifica.

Em Riché e Marrou há um grande foco sobre *as sete artes liberais* e o eixo em que a estrutura física das escolas se apoia, quem as organiza e onde. Jaques Paul é um crítico veemente da idéia de transformação escolar, salientando uma grande decadência a partir do século II.

Riché tem como um dos elementos mais interessantes de seu trabalho a preocupação em relacionar as instituições escolares com as esferas de poder. Estes trabalhos são muito importantes no estudo da educação, mas matem a tradição de não abordar a educação

como algo amplo e instituído em espaços diversos na sociedade, mas fazem uma análise das escolas e seus conteúdos. O único a fazê-lo é Henry Marrou, já que o autor destaca que a educação é muito mais do que somente as escolas, mas finaliza afirmando que seu interesse deter-se-á nestes espaços.

Na corrente de produção espanhola optamos por autores que tratam bem especificamente da educação no reino visigodo, espaço de nossa pesquisa. Identificamos este tema como um dos mais presentes na historiografia espanhola, tendo sido tratado desde o início do século com trabalhos como o do historiador Pérez de Urbel (PEREZ DE URBEL, F.J. 1971) seguido por Manuel Cecílio Diaz y Diaz (DIAZ Y DIAZ, 1970; 1992), Dominguez Del Val (DEL VAL. U. D. 1970) e Martin Hernandez (MARTIN HERNANDEZ, 1970), todos tratam o tema sob a procura das origens e da organização das escolas no reino visigodo, abordando os tipos de presença na Península Ibérica.

O trabalho de Frei Perez de Urbel é interessante pela quantidade de dados e informações que o autor apresenta para indicar a cultura no período. O tom é o de indicar a importância dos autores do período, seus discípulos e como estes dominavam a cultura clássica romana, interessante mas bastante distante do prisma que estamos propondo em nossa análise.

O tratamento de Diaz y Diaz é interessante pela diferença que seus trabalhos assumem com o passar dos anos: quando aborda a educação na introdução as Etimologias de Isidoro de Sevilha, mostra como foi triste o momento das escolas no fim do Império Romano, aliás ele utiliza a idéia de eclipse das letras, que só começam a retornar pelo trabalho de grandes varões, como Isidoro permitindo o Renascimento. No entanto em trabalhos mais recentes, suas palavras em relação a educação nos séculos VI e VII se abrandam e passam a destacar a infeliz falta de fontes sobre o tema, pois consegue-se perifericamente aferir sobre as escolas e a educação, mas muito pouco sobre seu funcionamento e funções específicas.

Os trabalhos de Del Val e Martin Hernandez são bastante próximos, diria até complementares, uma vez que utilizam praticamente os mesmos documentos para

estudar a educação no período, ambos também tratam educação como sinônimo de escolas e assim fazem um belo trabalho sobre o tema, o primeiro sobre as escolas catedralícias ou episcopais e sua função de garantir os quadros eclesiásticos e Martin Hernandez abordando a importância das escolas paroquiais e principalmente as monacais.

Mesmo no Brasil, encontramos abordagens muito próximas a dos espanhóis, e aí devemos citar o trabalho do professor Rui Costa Nunes (NUNES, R.C. 1979). No seu compêndio o autor tem como mérito a abordagem crítica da Idade Média, não seguindo a idéia de uma crise da educação mas sua transformação. No entanto, seu longo espaço de abordagem, quase mil anos, e novamente tem seu centro sobre as escolas.

No Brasil temos, no entanto, algumas abordagens diferenciadas, ainda que distantes de nossa proposta, como a do professor Ricardo Castro (CASTRO, R. 2003), tratam de uma abordagem que se pressupõem mais complexa, no entanto seu eixo principal permanece nas matérias aplicadas nas escolas, focando uma atenção especial sobre o desdobramento das sete artes liberais nos escritos de Ramon Llull e Al-Farabi.

O autor parte para um sentido mais filosófico da educação buscando o entendimento que os medievais tinham sobre o assunto: “Na Idade Média, a *Educação* era vista como um instrumento para se alcançar a *Sabedoria*, que conseqüentemente, levaria o homem à *Felicidade*, um bem desejado por si mesmo e mais perfeito que todos os outros bens” (Al-Farabi, 2002: 43-44). Este tipo de análise, mais uma vez salientamos, é importante às nossas reflexões sobre o assunto, tem uma carga importante da história das mentalidades e suas transformações em um hemisfério de História Cultural.

Nos questionarmos sobre os elementos que nortearam a educação e seu entendimento no período são preponderantes para pesquisa, mas, no entanto, não menos do que a necessidade de teorizar sobre o que é educação e entender o sistema complexo que se estabelecia em torno desta no período histórico abordado, para tal pretendo trazer elementos de matérias como a sociologia para esta discussão.

Nesta comunicação nosso interesse é ampliar o leque de possibilidades explicitando na abordagem de um tema tão contemporâneo sob a luz pesquisas atuais. Para tal primeiro destacarei o entendimento do conceito no qual as informações perpassam tanto a estrutura formal das escolas, como as formas não institucionalizadas de ensino, mas não por isso menos importante.

Destacaremos então como possibilidade de análise, entre outras possíveis a análise de dois teóricos, que apesar de partindo de referenciais completamente diversos oferecem-nos um sistema possível do estudo da História Medieval no modelo que estamos propondo: Michel Foucault e Pierre Bourdieu.

É importante salientar que um estudo sobre a utilização de cada um na abordagem do entendimento da educação dá, no mínimo, uma dissertação de mestrado, assim o que pretendemos é tão somente sinalizar possibilidades dentro das diversas possíveis neste campo.

Educação: propostas de abordagem. Acreditamos que a educação tem um sistema de intencionalidade, coerção em consonância com os objetivos do grupo que comandam o sistema educacional, é fundamental que este ensinamento perpassasse toda a estrutura social.

Quando tratamos de educação, abordamo-la como a tentativa de estabelecer um conjunto de valores e hábitos próprios, no caso de nossa pesquisa específica aos cristãos, sejam eles leigos ou clérigos.

Assim a educação na Idade Média pode ser reconhecida e analisada nas hagiografias, regras, sermões, cartas, hinos entre outros. Destacamos que muitos destes textos podem ser sublinhados por seu caráter didático, no sentido propriamente catequético e com uma visão que se reflete especialmente sobre a moral e os benefícios oferecidos aos que seguem estes ensinamentos.

As reflexões teóricas sobre o assunto, pela visão de autores diversos, apresentam como ponto em comum a característica de identificar o espaço da educação como um espaço de poder, e dessa forma o trataremos.

Na teoria da ação de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, P. 1989) o autor destaca a necessidade de uma análise que apreendesse de um lado uma estrutura que direciona o papel do sujeito, sem, no entanto abandonar sua subjetividade e sua ação.

Para entendermos a teoria do sociólogo francês devemos ter claro três conceitos:

- *habitus* ressalta que um grupo é regido por práticas comuns que têm o papel de integrar, fundamentar e legitimar determinados interesses. E podemos verificar este conceito como o elo integrador, que aproxima estes elementos em torno de um conhecimento comum, suas práticas e formas de obtê-las. (ORTIZ, R. 1979)

- O *campo* um espaço que agrupa os membros que compartilham do mesmo *habitus* mas que é marcado por disputas entre dominantes e dominados. É importante salientar que os campos são marcados pela disputa em todos os seus segmentos, não existindo a visão dualista de dominantes e dominados, pelo contrário, o campo sobrevive e se modifica pela constante ação dos seus membros por meio dos confrontos entre os diversos dominantes e dominados. (IDEM)

- O *capital simbólico* são bens que são válidos no mercado interno de cada *campo*, e são disputados por seus membros como forma de ascensão na estrutura social. Este capital reflete-se como um todo no *campo* a partir que um grupo terá maior legitimidade junto à sociedade a partir do momento em que os seus *bens simbólicos* sejam conhecidos e reconhecidos pelos demais campos. (IDEM)

Neste modelo de pesquisa a educação transforma-se em um processo de rito de entrada nos diversos campos da sociedade, faz parte da assimilação do próprio *habitus*. Assim podemos identificar como educação um processo inerente a diversos espaços da sociedade. O autor a relaciona com um sistema de legitimidades no interior dos campos de poder. Sua leitura é importante pela relação feita pelo autor entre a educação, a cultura e o poder.

Devemos destacar ainda, que a educação tem um caráter especialmente reprodutor da realidade, afastando-se do caráter transformador que esta poderia assumir, por exemplo, na teoria marxista.

Uma segunda possibilidade da observação da educação está em vê-la atrelada a afirmação do poder simbólico. Este conceito pressupõe o reconhecimento do poder e do prestígio de um determinado campo, no momento em que seu *habitus* é reconhecido e assimilado pelos demais campos da sociedade.

Este tipo de concepção aplicado a Idade Média nos permite em especial entender o processo de fortalecimento e afirmação da própria Igreja, uma vez que o processo empreendido pelos membros do episcopado, foi uma busca pelo controle do monopólio do principal bem simbólico eclesiástico, que é a salvação, mas a divulgação de referências que permitiram tanto a participação de membros do clero, como a aproximação de nobreza e dos meios rurais da Igreja, reconhecendo seu poder.

Michel de Foucault é outro autor que tem trabalhos que nos permitem uma ampliação da leitura do conceito de educação. Sua teoria nos faz pensar e reformular nossos conceitos sobre história e a forma de fazê-la. O autor traz para nosso campo reflexões sobre a sexualidade, muito utilizadas por autores dedicados ao gênero, apropriado seguidamente por historiadores pós-modernos. A concepção de discurso do autor aponta para o grau de relativismo na construção do indivíduo.

Seu discurso não é o que estamos habituados pelo senso comum, mas uma leitura das concepções e fundamentações relativas à forma de se expressar que constitui os processos sociais. (KUMAR, K. 2000)

Para Michel de Foucault (FOUCAULT, M.1986) educar é um processo que pressupõe a intencionalidade do educador como base. Assim significa: ensinar, no sentido de passar um conteúdo/conduita que o outro deve seguir; qualificar, para que o outro possa ter acesso a locais específicos e só os que alcançam esta nova posição são aqueles considerados de alguma forma aptos; esclarecer, como forma de desfazer dúvidas e

fornecer “luz” a questões obscuras; mas também, vigiar, na medida que o educador fornece ao educando pressupostos de comportamento, permite ao grupo dos primeiros o controle frente ao não cumprimento dos comportamentos recebidos; disciplinar, uma vez que o detentor do conhecimento passa a ser o delimitador das regras, permitindo-lhe portanto a punição quando do não cumprimento.

Neste processo, à luz de uma educação religiosa que identificamos como objeto de nossa pesquisa, os aspectos relacionados acima ganham dimensão mística e controle onipresente do seu discurso, já que o maior controlador é o próprio Deus, e o posto a ser galgado é o paraíso ou o rebaixamento ao inferno. A hagiografia, por exemplo, inserida neste espaço de poder, ensina aos seus leitores e ouvintes, na busca de qualificá-los ou edificá-los como cristãos, ao mesmo tempo em que pune aqueles que não seguissem o caminho indicado.

Conclusão. Não só é possível, como desejável, para o desenvolvimento dos atuais trabalhos no campo da História, utilizar um arcabouço teórico, muitas vezes refletido a partir das ciências sociais, ainda que aplicado de forma criteriosa e nunca esquecendo as especificidades necessárias a área, permitindo ao historiador aprimorar sua capacidade de trabalho.

Desta forma propomos nas análises sobre educação a adoção da conceituação do termo, assim como afastar-nos de elementos do senso comum que transformam o assunto em uma pesquisa sobre as estruturas formais de ensino.

Como forma de por em prática nossa proposta apresentamos as concepções de dois autores contemporâneos e de formas de análise diversa sobre o assunto indicando como suas concepções poder ser importantes ara as novas pesquisas do campo da História.

REFERÊNCIAS

- BANNIARD, Michel. *Génesse Cultural da Europa: séc. V-VIII*. Tradução Alice Nicolau. Lisboa: Terramar, 1995.
- BARBERO, A. *La Sociedad Visigoda y Su Entorno Histórico*. Madrid: Siglo XXI, 1992.

- CÂNDIDO, M. O Poder na Idade Média: Entre a história política e a antropologia histórica. *Signum: Revista da ABREM: Associação Brasileira de Estudos Medievais*. 5. São Paulo: Fapesp, 2003.
- CASTRO, R. *A Educação na Idade Média. A busca da Sabedoria como caminho para a Felicidade: Al-Farabi e Ramon Llull*. In: *Dimensões - Revista de História da UFES* 15. Dossiê História, Educação e Cidadania. Vitória: Ufes, Centro de Ciências Humanas e Naturais, EDUFES, 2003, p. 99-115
- DIAZ Y DIAZ, M. Introducion. In: ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Madrid: Bac, 1982. p. 70 – 94.
- _____. La obra literaria de los obispos visigóticos toledanos: Supuestos y circunstancias. In: *La Patrologia Toledano-Visigoda: XXVII Semana Española de Teologia*. Madrid: CSIC, 1970. p. 45 – 63.
- _____. *Libros y Librerías en La Rioja Altomedieval*. 2.ed. Logroño: CSIC, 1991.
- _____. Problemas culturales en la Hispania tardorromana y visigoda. In: *De la Antigüedad al Medioevo. Siglos IV – VIII. III Congreso de Estudios Medievales*. [s.l]: fundacion Sanchez-Albarnoz, 1993. p. 9 -32.
- DOMINGUEZ DEL VAL, Ursicino. Características de la Patrística Hispana en Siglo VII. In: *La Patrologia Toledana – Visigoda: XXVII semana española de teologia*. Madrid: CSIC, 1970.
- FOUCAULT, Michel. 1975. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes. 1986.
- GARCIA Y GARCIA, A. De las escuelas visigóticas a las bajomedievales. Semana de Estudios Medievales. La enseñanza en la Edad Media. 10. Nejara: 1999. In: *Atas...* Gobierno de La Rioja. Instituto de Estudios Riojanos, Logroño, 2000. p. 72 – 94.
- GARCIA TURZA, J. La transmisión cultural Hispan y el renacimiento carolingio. Semana de Estudios Medievales. La enseñanza en la Edad Media, 10, Najera, 1999. In: *Atas...* Gobierno de La Rioja. Instituto de Estudios Riojanos, Logroño, 2000. p. 39-48.
- HOMET, R. *Los Viejos y La Vejez en la Edad Media: Sociedade e imaginário*. Rosário: PUC, 1997.
- KUMAR, K. *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 112 – 158.
- LE GOFF, J. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: edições 70, 1985. p. 59 – 62; 175 – 183.
- _____. *Os Intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 95- 119.
- MARROU, H. *História da Educação na Idade Média*. São Paulo: EPU, 1975. p. 437 – 634.
- MARTIN HERNANDEZ, F. Escuelas de Formación del Clero en la España Visigoda. In: *La Patrologia Toledano-Visigoda: XXVII Semana Española de Teologia*. Madrid: CSIC, 1970. p. 66 – 100.
- NUNES, Rui Afonso da Costa. *História da Educação na Idade Média*. São Paulo: EDUSP, 1979.
- ORTIZ, Renato.(org.) *Pierre Bourdieu*. Rio de Janeiro: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- PAUL, JACQUES. *História Intelectual del Occidente Medieval*. Madrid: Cátedra, 2003. p. 73 – 171.
- PÉREZ DE URBEL, F. J. Hispania de Los Godos. IN: MENENDEZ-PIDAL. R. *Historia de Espana*. Tomo III. Espasa-Calpe. Madrid. 1971.
- RÉMOND, R.(org.) *Para uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- RAMOS TEJA. Las dinastias episcopales em la Hispania tardorromana. *Cassiororus*, 1, p. 29-39, 1995.
- RICHÉ, P. *Educaton et Culture dans L'occident Barbare*. Paris: Du Scull, 1962.
- VELASQUEZ SORIANO, Isabel. Âmbitos y ambientes de la cultura escrita em Hispania (s. VI): De Martín de Braga a Leandro de Sevilla. *Studia Ephemeridis Augustinianum*. Roma, n. 46, p. 329 – 351, 1994.
- SILVA, L. R. da Algumas considerações acerca do poder episcopal nos centros urbanos hispânicos – séc. V – VII. In: *História: Questões e Debates. Instituições e poder no medioevo*. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em História da UFRP / Editora da UFRP, (37), p. 67 – 84, jul-dez 2002.